

EMPREGOS

e-mail: empregos@jb.com.br

■ Continuação da capa

Erro foi desprezar educação

– As empresas que se beneficiam disso têm dado uma colaboração à altura?

– Indiscutivelmente. Elas abriram os seus horizontes e a sua agenda de discussão para a educação. Eu sou testemunha de que hoje os empresários debatem nas suas entidades de classe a questão da educação básica, essa educação fundamental de oito séries, a questão do ensino médio, seja de formação geral ou profissionalizante. As empresas se abriram para fazer a parceria com as escolas. Eu cansei de ver exemplos de empresas em Minas que entraram no esforço da educação nos últimos anos, apoiando escolas municipais, fazendo parcerias com as escolas.

– Essa reforma em Minas teve um apoio decisivo de instituições internacionais, como o Banco Mundial. Por quê?

– Em 1991, enviei ao Banco Mundial uma carta explicando o que nós queríamos fazer, que tínhamos um prazo de quatro anos. O Banco Mundial não so-

mente aprovou em tese, como mandou uma equipe aqui para nos conhecer. O Banco Mundial reconheceu que nós tínhamos vontade política, que nós tínhamos capacidade de liderança e competência da equipe. Foi por isso.

– As escolas mineiras estão com computador?

– Deveriam estar, pois há recursos do Bird para isso. Ele vai ser o lápis e o caderno do século 21.

– Em termos de Brasil,

qual seria o caminho para incluir os excluídos do processo produtivo marcado pela evolução tecnológica?

– Só educação básica. Garantir a educação básica de 11 anos com qualidade para todas as crianças e jovens.

– É possível essa inclusão com a rapidez que o Brasil precisa?

– Eu acho que dez anos é um prazo suficiente para nós incluímos todos esses jovens, garantirmos para todas as crianças e todos os jovens uma educação com qualidade, de tal maneira que aos seis anos a criança esteja entrando na classe de alfabetização, ter o terceiro período, aos 14 anos es-

teja se formando na oitava série, e aos 18 anos esteja se formando no ensino médio. Teríamos uma população jovem ca-

paz de exercer a cidadania, capaz de arranjar um emprego decente, capaz portanto de se incluir na sociedade competitiva do século 21, que é a sociedade do conhecimento.

– Onde foi o grande erro do Brasil na educação?

– Não ter priorizado a educação. – Onde acertamos, se é que acertamos?

– Nós acertamos muito recentemente. Nós temos que dar a César o que é de César. Em que pese o momento difícil que o presidente Fernando Henrique Cardoso está vivendo, é preciso reconhecer que ele foi o primeiro presidente da República, nesses últimos 50 anos que tem um programa de educação competente, que foi capaz de priorizar o ensino fundamental, e não tão somente o universitário, que criou instrumentos eficazes como o Fundep, que criou um sistema de avaliação que o país nunca teve, que fez o sistema de distribuição de livros didáticos, que não acontecia nos anos anteriores. Então, realmente, o governo federal, no que diz respeito a um pedaço da parte que ele pode fazer, ele está fazendo bem feito, está priorizando o ensino fundamental. Isso é um mérito que o ministro Paulo Renato tem e precisa ser reconhecido.

Leia a íntegra da entrevista no JB OnLine